

25ª Edição do Estoril Political Forum

O IEP preza a liberdade individual e a capacidade de cada homem e de cada comunidade, em respeito pela lei e pelas tradições ancestrais, construir o seu projeto de felicidade.

Rebobinando a fita histórica, percebemos que o Professor Espada lançou estes cursos, nos primeiros tempos na Arrábida mas depois em permanência aqui no Estoril, corria o ano de 1993. Curiosamente o mesmo ano em que entrou em vigor o Tratado de Maastricht. Mas ao contrário do tratado europeu, com quem os cursos partilham o ano de nascimento, o IEP não é produto de um grande plano, nem aponta para destinos inescapáveis para o homem europeu que, em alguns casos, acaba a servir macro-estruturas políticas centralizadoras com legitimidade democrática questionável.

Se há coisa que há muito tempo percebemos aqui no Estoril é que, tal como estas gentes que vos acolhem, o IEP preza a liberdade individual e a capacidade de cada homem e de cada comunidade, em respeito pela lei e pelas tradições ancestrais, construir o seu projeto de felicidade.

É esta comunhão orgânica entre nós e vós, entre Cascais e o IEP e a Universidade Católica, que tem permitido construir, peça a peça, um dos melhores e mais sólidos fóruns académicos internacionais na área dos estudos políticos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos num painel de tributo a Mário Soares. E quero começar por felicitar o Professor Espada por ter dado a oportunidade de recordar, no arranque destes trabalhos, a personagem titânica da nossa



POR
**Carlos
Carreiras**

Presidente da Câmara
Municipal de Cascais

democracia que foi Mário Soares.

Ouve-se muitas vezes no debate público, políticos dizerem que não recebem lições de nada ou de ninguém.

Quero dizer-vos que estando em áreas políticas concorrentes, mas convergentes no essencial, eu recebi muitas lições de Mário Soares. E penso que Portugal também.

Com Mário Soares o país percebeu que Liberdade é Liberdade. Ou seja, ficou claro que Liberdade é coisa muito diferente das "liberdades". A liberdade é um valor integral, não subjetivo, que deve tocar todos e cada um dos cidadãos.

Soares, e outros de outros partidos, resgataram esse ideal de liberdade e colaram-no à pele e à alma do país numa circunstância de rutura histórica, criando as condições para que Portugal fosse uma Democracia.

Mas com Mário Soares o país também aprendeu que ditadura é ditadura. Como poucos na sua área política, Mário Soares intuiu os objetivos das forças extremistas da esquerda e de alguns militares na aurora revolucionária.

Os primeiros queriam substituir uma ditadura de direita por uma ditadura de es-

querda guiada espiritualmente por Moscovo.

Os segundos sonhariam colocar o poder civil na obediência do poder militar, reproduzindo modelos de governação típicos de outras latitudes.

Mário Soares, com quem eu e tantos milhares de militantes do PPD-PSD estivemos na Fonte Luminosa, foi um muro intransponível para esses devaneios revolucionários.

Convém recordar que o fundador do PS ganhou duas vezes aos projetos totalitários: em 1974, como figura de proa do 25 de Abril contra o regime de Salazar/Caetano; em novembro de 1975, garantido que a liberdade de Abril não era usurpada pelas esquerdas radicais.

Outra das lições que Soares deu ao país é que o sonho e ambição em política são determinantes. Não falo dos sonhos delirantes dos otimistas irritantes, mas os sonhos mobilizadores, que constituam movimentos de superação ancorados em possibilidades realistas. Guiar a transição para a Democracia, pôr fim à guerra colonial e dar início à descolonização, e ancorar Portugal ao projeto de prosperidade e progresso europeu: reconhecamos a extraordinária magnitude do projeto de que Soares foi um dos protagonistas políticos. Com Mário Soares, e gostava de sublinhar este ponto, a política era para políticos.

A política não era para os técnicos – embora eles devessem estar na política. Mas era a política e o político que liderava o processo de decisão. A política, na visão de Soares, reinava sobre a economia e so-

bre a finança. Mais do que uma ambição e um sonho, o ex-presidente da República tinha uma visão de um Portugal moderno da qual nunca abdicou.

Outra lição que Soares partilhou com o país, e que eu temo que o país tenha esquecido, é que a coragem faz parte da política e tem primazia sobre a tática.

Precisamente por ser um homem de convicções, e certo da sua validade, Soares foi divisivo. Nunca teve receio de decidir e até de dividir.

Abriu combates em todas as frentes e não cultivava tacticismos, mesmo quando os resultados se anunciavam desfavoráveis.

Quando hoje vemos tantos políticos hesitantes em fazer o que devem, eternizando-se como candidatos a candidatos, percebemos que eles esqueceram uma lição de Soares: a liberdade democrática não incluiu apenas a possibilidade de ganhar.

Mesmo sendo um adversário extraordinário, Soares procurou inúmeras pontes à sua direita e secundarizou muitas vezes o seu partido em prol do superior interesse nacional.

Contra o seu grupo parlamentar, forjou uma aliança com o PSD e o CDS para

passar a reforma constitucional de 1982.

Com o PSD, no famoso governo AD, compreendeu que só um executivo alargado poderia implementar as reformas duríssimas prescritas pelo FMI. De certa forma, Soares foi o arquiteto do ‘arco da governabilidade’. Isto constitui uma outra lição extraordinária de Soares ao país: a política tem de distinguir o essencial do assessorio.

A partida de Mário Soares confirmou um vazio na vida pública nacional que é muito difícil de preencher. Sem Sá Carneiro, sem Amaro da Costa, sem Álvaro



A liberdade é um valor integral, não subjetivo, que deve tocar todos e cada um dos cidadãos



Cunhal, sem Mário Soares, fica a sensação de que há um tempo de idealismo e de sonho que se fecha.

Os quatro mudaram o país com um titânico combate de ideias. Eles têm, justamente, um lugar garantido na história.

Recordo que, por altura do seu funeral, o país desdobrou-se em elogios a Mário Soares.

Paradoxalmente, quando tantos disseram que é preciso honrar o seu legado, e eu concordo, não deixa de ser perturbador que tão pouco daquilo que Soares nos deu esteja presente na nossa vida política.

Para começar poucos são hoje capazes de sacrificar o seu partido pelo país.

Todos, em todos os partidos, contribuem para que o assessorio seja essencial, e para que o essencial seja assessorio. Há pouca coragem para decidir, para reformar e para mudar.

E há muito cinzentismo e muita indiferença para com a política.

Talvez porque haja pouca força nas convicções. Talvez porque haja muita vontade de trabalhar para a popularidade instantânea nas sondagens e para o voto fácil, em vez de procurar o bem maior no longo prazo.

Talvez porque haja pouco sonho e pouca ambição e pouca estratégia para o país.

Talvez a liberdade ainda seja a “Liberdade” de Soares. Mas as linhas vermelhas da ditadura por si traçadas em 1975, estão hoje a ser perigosamente apagadas por alguns dos que se dizem depositários do seu legado.

Democratização, Descolonização e CEE.

Com este horizonte de possibilidades Soares mobilizou o país.

Mas a nós, o que é que nos move hoje? O que é que nos mobiliza?

Não sabemos porque perdemos o sentido de futuro em nome da satisfação do presente.

Cabe às lideranças políticas redescobrirem esse sentido comum, o sonho e a ambição realista, por exemplo em valores como a prosperidade económica, a justiça social, a sustentabilidade ambiental ou a reforma democrática e a consolidação da democracia liberal.

Democracia pela qual Soares tanto se bateu. E que este curso, estes professores e alunos, certamente tratarão com audácia política e rigor académico.

Tenham um excelente curso de Verão.

Sejam sempre bem-vindos a Cascais. E façam da nossa casa a vossa casa. ■